



EU NÃO CONSIGO RESPIRAR

Prof.^a Dra. Daiana Nascimento dos SANTOS
Prof. Dr. Édimo de Almeida PEREIRA

Organizadores deste número

A nossa escrivência não é para adormecer os da Casa Grande e sim para acordá-los dos seus sonos injustos. Hoje, a escrita da mulher negra não tem essa função de adormecer a Casa Grande. Pelo contrário, é uma escrita que incomoda, que perturba.

Conceição Evaristo

A epígrafe **Eu não consigo respirar** tem sido um dos enunciados mais replicados pela humanidade em 2020. No meio da turbulência do cotidiano da sociedade globalizada em que a contaminação do ar já é algo banal para os moradores das grandes metrópoles, a frase **Eu não consigo respirar** torna-se a mais frequente, principalmente entre aqueles que, contagiados pelo coronavírus, precisam de uma máquina para respirar. **Eu não consigo respirar** foi também a última frase dita pelo estadunidense George Floyd, brutalmente assassinado no dia 25 de maio de 2020 no Estado de Minnesota. O descenso brutal de Floyd repercute as agruras e fissuras histórico-sociais das Américas, a decadência do homem contemporâneo, a brutalidade colonial dos detentores de poder, a dificuldade ao acesso aos serviços básicos e a precariedade laboral que atinge os mais pobres, quase sempre afrodescendentes, panorama que se complementa e se agrava com a desafiadora pandemia do covid-19.

A epígrafe **Eu não consigo respirar** não somente nos convida a refletir, mas particularmente comprova que a escravidão trouxe consequências severas para as vidas de homens e mulheres afrodescendentes. Importante notar que esses efeitos funcionam de maneira tácita e brutal nas diversas esferas de poder da nossa sociedade, as quais muitas vezes atuam silenciosamente para tolher o direito de

respirar desses indivíduos, particularmente no tocante à escravidão e suas implicações que ainda vigoram no imaginário e nas estruturas da denominada **sociedade de plantação**, tal como nos informa Kilomba (2019).

A impossibilidade de respirar que minou a vida de Floyd também se revela e se impõe nas históricas e estratégicas tentativas de sufocamento da resistência perpetrada pelos escravizados e pelos seus descendentes – resistência esta que se configurou e se configura em suas mais diversas formas – em face da ação opressora de seus algozes, tanto os de outrora quanto os da contemporaneidade.

Desse modo, contra o reiterado discurso de desconstrução das identidades africana e afrodescendente, respectivamente justificador da prática escravista e das atuais formas de exploração e de exclusão social com fincas em um ideário predominantemente racista, subsistem a arte, a fala, a escrita e a pesquisa de uma multiplicidade de pessoas imbuídas da tarefa de colocar em xeque velhas estruturas destinadas a manter e a sustentar a absurda ideia de que a raça humana não se mostra profundamente demarcada por uma diversidade que enseja o respeito e a dignidade de todos os seus integrantes.

Neste percurso, o ponto fulcral do presente dossiê gira em torno das discussões sobre Afrodescendência, Literatura e Sociedade. Com este fôlego, o número reuniu diversas vozes acadêmicas brasileiras e estrangeiras para abordar reflexões teóricas, críticas e epistemológicas, a partir do estudo de diversos objetos literários e culturais. No entendimento de Cabrera (2012, p. 133) esse tipo de exercício teórico traz à baila reinterpretções de documentos e fatos históricos ligados ao povo negro, o que aponta a uma (des)construção discursiva e representativa em torno do povo negro dentro da configuração da história nacional.

Dessa maneira, **As várias faces do amor**: a exortação da voz na palavra poética de Warsan Shire, Safia Elhillo e Upile Chisala propõe-se a articular as experiências vividas por esas poetizas, refletindo sobre o modo como as mesmas preenchem a lacuna provocada pela ausência de mulheres negras nos espaços sociais. **Configurações identitárias, afrodescendência e intertextualidade em poemas de Solano Trindade e Adriane Garcia** traz a análise de poemas de Solano Trindade e

Adriane Garcia, destacando a intertextualidade e o diálogo dela decorrente quanto à ampliação da reflexão artística sobre a identidade e a memória negras no Brasil. Em **Uma estrela (de)cadente em céus africanos**, encontramos a análise da metáfora ou da imagem das estrelas em Chagas Levene, autor que, segundo o articulista, escreve na fronteira do idioma português. A abordagem acerca de uma literatura em torno de uma atualização do conceito de cimarronagem e a resistência antirracista cubana encontra-se presente nas linhas do artigo **Cimarronaje, memoria y escrita: apuntes sobre un enlace político-literario**, ao qual se somam as reflexões desenvolvidas em **Pós-colonialidade e estereótipos africanos em Adua de Igiaba Scego**, trabalho que discute a pós-colonialidade italiana, observada sob uma ótica plural e multiétnica com a intenção de construção de um paradigma que a diferencie das experiências francesa e britânica. A escrita de Allan da Rosa é objeto de análise em **A literatura afro-brasileira: identidade, cultura e ancestralidade no livro Zumbi assombra quem?** de Allan da Rosa. Reflexões acerca das pesquisas acadêmicas e artigos sobre obras do Programa Nacional Biblioteca na Escola para a educação para as relações étnico-raciais na Educação Infantil são tema do artigo **Estado do conhecimento sobre a literatura na educação infantil e a ERER**. Nessa mesma linha, **A morenização predominante na literatura infantil: um projeto de apagamento da identidade negra** discute como as imagens ilustrativas dos livros de educação infantil com temática étnico-racial reiteram o chamado branqueamento quando da representação de personagens negras. Em **Maria Firmina e Luiz Gama: precursores da literatura negra**, a obra icônica de ambos os escritores é pontualmente abordada pelos articulistas, assim como a poética de Lázaro Ramos é objeto de análise no artigo **Pra entender o erê tem que tá moleque: as infâncias de João e Maria, em Lázaro Ramos**. **Literaturas de autoria negra: um canto resistência afrodescendência** aborda a escrita de homens e mulheres negras como expressão das potencialidades negras no Brasil. **Afroenunciações: identidades fictícias e memória nos cânticos do reinado** debruça-se sobre o estudo dos procedimentos enunciativos das cantigas do Congado em Minas Gerais. Já a escrita em torno do papel da mulher na manutenção da tradição afro-brasileira é investigada em **Aspectos do feminino na poética oral afro-brasileira**

contemporânea: as mulheres representadas por Mãe Beata de Yemonjá. Em **Construções identitárias em Pixaim, de Cristiane Sobral:** do tempo morno a um dia de começos, os autores exploram a construção identitária da protagonista do conto **Pixaim** a partir das ações de enfrentamento ao racismo. **Tia Ciata e a diáspora:** a força de um povo que produz um show e assina a direção comporta o estudo da diáspora e as configurações da literatura afro-brasileira em um romance de Nei Lopes. Maria Firmina de Jesus volta à baila, a partir da análise do romance **Úrsula**, realizada, desta feita, no artigo **Figurações da insubmissão no projeto romântico abolucionista de Maria Firmina dos Reis:** uma leitura das personagens negras no romance **Úrsula**. **Memória da escravidão na sociedade e na cultura brasileiras:** a poesia afro-brasileira de Solano Trindade e Adão Ventura recorre aos versos de dois escritores afro-brasileiros emblemáticos e a outros objetos culturais para refletir sobre a rememoração e a crítica ao escravagismo. As reflexões sobre a interlocução entre educação, escola e relações étnico-raciais e a representação de sujeitos negros na literatura infantojuvenil em um contexto de escolarização da literatura são exploradas no artigo **Educação, escola e relações étnico-raciais:** uma aproximação da literatura infantojuvenil, tomando por base o livro **Betina**, de Nilma Lino Gimes. Por fim, esta edição conta ainda com a resenha do livro de Lúcia Tennina: **Cuidado com os poetas!** Literatura e periferia na cidade de São Paulo (2017).

Aos interessados e interessadas pelas questões da afrodescendência excelentes tempos de leitura.

REFERÊNCIAS

CABRERA, Patricia Muñoz. *Narrativas emancipatorias en la literatura afroestadounidense contemporánea: el caso de Gayl Jones. La diáspora africana: un legado de resistencia y emancipación.* Ed. Martha Luz Machado Caicedo. Santiago de Cali: Fucla, 2012, p. 133- 160.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

OLIVEIRA, Elida. O momento presente pede novas narrativas, diz Conceição Evaristo, homenageada no Enem 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/enem/2018/noticia/2018/11/06/o-momento-presente-pede-novas-narrativas-diz-conceicao-evaristo-homenageada-no-enem-2018.ghtml>. Acesso em: 19 jun. 2020.